ANTONIO PETICOV

CÉREBROS

CÉREBROS

ANTONIO PETICOV

Por **Gisèle Miranda**

Antonio PETICOV nasceu em Assis (SP), em 1946. Seu nome assumiu proporções internacionais pela potencialidade e singularidade. Além da notoriedade plástica foi partícipe da vanguarda tropicalista dos anos de 1960; mesclou o Surrealismo, Pop Art e experimentalismos no Grafismo. E, entre o final da década de 1980 e início de 1990 esteve ligado a vários projetos ambientais[1].

Na reminiscência de Peticov, o seu lado artístico surgiu aos doze anos de idade, e pode ser conjugado aos doze temas destacados pelo filósofo Martin Gardner no livro Home Faber: o trabalho de Antonio Peticov remonta o jogo de Leis do Universo, ou seja, um jogo no qual as ironias dos paradoxos desmascaram as crenças enganosas e estimulam novas visões com um charme vertiginoso.[2]

O tema cérebro quando presente na área médica soa como busca científica. Mas, e o cérebro para os artistas? Ou, para historiadores?

Seu interesse por cérebros começou por um folheto de um congresso científico. Peticov contatou um amigo dentista que sugeriu algo mais místico. Mas Peticov bateu o pé, até ter em mãos um livro de anatomia da face.

Daí por diante, os relances pessoais e profissionais surgiram. Desde a imagem de seu irmão que esteve em coma por meses ao interesse de criar artisticamente algo que, em primeira instância, não se faz claro para um leigo.

A série Cérebros surgiu porque chamou a atenção dos mais familiarizados e também instigou os sentidos dos leigos permitindo uma aproximação lúdica.

As alterações anaptoantropológicas registram as transformações ao longo do tempo, desde os recuos maxilares, aumento do encéfalo[3], diminuição da face[4] ao desaparecimento do terceiro molar. Dessa maquinaria, do ponto de vista objetivo e subjetivo, até os orifícios (forames) têm designações vitais (transitam nervos, artérias, veias): sendo possível estimar a idade, detectar o sexo e o crescimento.[5]

O Bregma tem sua historicidade identificada pelos gregos como sinônimo da alma, assim como acreditavam que a alma era absorvida por essa abertura e se fixava vibrante em seu fechamento natural.

Meditation

Em **Meditation**, Peticov mostra a imagem cerebral vista por baixo, sem cerebelo, visualizando o mesencéfalo (local onde existem centros de coordenação motora), os dois nervos olfatórios e os nervos ópticos acolhidos pelo artista como nervos culturais – que agem juntos aos neurônios (são polivalentes), e se aglutinam em vários locais do cérebro.

Nas áreas neuronais, de acordo com a idade, torna-se possível uma plasticidade – capacidade de um neurônio estabelecer novos contatos sinápticos. Por isso é possível viver normalmente (dependendo da área cerebral), sem problemas organizacionais e psicomotores com a perda de 85% dos neurônios.

O arco em forma de coração inverso sustentado pelo corpo humano em meditação torna-se instrumental da redoma cerebral vista por baixo – em sua cavidade. A imagem criada por Peticov se traduz na subjetividade dos sentidos dessa maquinaria.

A tonalidade azul (em gradações) rege a concentricidade exposta em sua polaridade – na luz, o amarelo e no escuro, o azul se abraçam em estado puro: quanto mais espessas ou escuras.[6]

Há conotações místicas que mesclam reminiscências ou tendenciosos experimentalismos de Peticov; pensando o tempo não apenas como relógio biológico, mas como Oscar Wilde, em o Retrato de Dorian Gray.

[1] Bosque Natura – Natura Forrest na cidade do Rio de Janeiro e Projeto Natura – Rio Pinheiros na cidade de São Paulo.

[2] GARDNER, M. Homo Faber – the work of Antonio Peticov. São Paulo: Pau Brasil, 1988

[3] Situado no Neurocrânio e formado por oito ossos planos e irregulares que se constituem de uma grande cavidade donde se aloja o encéfalo.

[4] Viscerocrânio – corresponde a face e nele estão situados órgãos dos sentidos e o início dos sistemas digestório e respiratório.

[5] Pelo Fontículo Bregmático – cérebro visto de cima onde são perceptíveis as suturas (que desaparecem com o tempo). Sagital (seta – a ponta da seta é denominada de Bregma) e Coronal (conhecido por ser o local onde os reis e as rainhas encaixam as coroas).

[6] Segundo Goethe (1749-1832), em Doutrina das Cores: amarelo, azul e vermelho são cores primárias que produzem cores secundárias.

Construção baseada em estudos físicos, químicos e fisiológicos. Anterior a Goethe, o cientista Isaac Newton em 1666 identificou sete cores do espectro: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Já para o artista plástico e filósofo Kandisnsky em *Do espiritual da Arte* de 1910 (acrescido e publicado em 1912), a teoria caminha com a poética donde se observam as cores partindo de necessidades interiores.

MEDITATION

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA - *160 X 115 CM*

©1996 - **ANTONIO PETICOV**

Duck Dreams

Por Gisèle Miranda

Peticov é autodidata. Portanto, a letargia não caminha com o andarilho. Sua peregrinação artística está no aqueduto dos sentidos. Duck Dreams que é prova disso, foi também, a primeira imagem criada por Peticov para a série cérebros – o cérebro cortado ao meio verticalmente.

A predominância da cor verde no telencéfalo denota repouso. Quando generalizado pode tornar-se enfadonho pela imobilidade e ausência de desejos. Na brejeirice do azul – em tom mais forte – a representação do septo pelúcido; o vermelho, adicionado pelo amarelo resulta no laranja irradiando a seriedade, ou seja, é como um homem seguro de sua força... soa como o sino de Ângelus, tem a força de uma poderosa voz de contralto. (Kandinsky, 1992, p. 93)

No local onde se dividem os lobos – aqui visualizado o meio exato do lobo temporal – estão a audição e a fala; assim como detectados o tálamo (responsável pela ansiedade que instiga a fome e a sede); também, o hipotálamo (abaixo do tálamo), o corpo caloso e, o septo pelúdico.

Os acidentes anatômicos à estrutura interna do crânio têm divisões fossais – como se pode observar em Duck Dreams – o denominado lobo temporal (na fossa posterior). Também, visualiza-se o cerebelo na regência dos movimentos com dinamismo e leveza.

Onde há a representação de um pato, no meio exato do corte, atribui-se a imaginação, a fantasia, os devaneios. Embora, em sua concepção anatômica, dir-se-ia que estão presentes, o tálamo, o hipotálamo, o lobo; e, de sua asa vislumbra-se o telencéfalo.

O tálamo tem o formato de um ovo de galinha (são dois). Muitas informações são enviadas através de neurônios aglutinados no tálamo, o que torna possível obter informações da área periférica dos sentidos – com exceção do olfato, pois o sentido olfativo só é efetivamente absorvido na região do Cortex Cerebral. (local que aglutina todos os sentidos)

DUCK DREAMS

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA - *118 X 158 CM*

©1996 - **ANTONIO PETICOV**

O Sonho do Xamã

Por Gisèle Miranda

O Sonho de Xamã é fruto da trajetória de Peticov.

Vozes, olhares e odores de quem cria. É um conjunto maquinal excitado para produzir respostas. Há o rigor de mostrar-se condizente no aspecto científico, porém tem seu peso direcionado a plasticidade criativa

Na representação de Peticov, a imagem de uma árvore (em seu corte ao meio exato) que corresponde ao tálamo, situado na base do cérebro e tendo por designação o acasalamento de funções; posteriormente, a função é delegar atividades a locais específicos.

No tálamo há ramificações de retransmissões cooptadas pelos núcleos[1] em suas funções de motricidade, memória, vigília. Cabe ressaltar que a densidade de uma lesão depende muito da região, ou seja, ter uma grande lesão e nada ocasionar ou ter uma minúscula lesão e ser fatal.

Sobre o título dado a imagem – *o sonho de Xamã* – Peticov reverencia as práticas diferenciadas; vale dizer: ritualística primitiva de evocações e exorcismos através de Xamãs (feiticeiros originários dos povos da Mongólia e Sibéria Oriental). Embora conhecido como prática ritualística, o Xamanismo é tido como religião para esses povos. A complexidade da memória primitiva está no peso de um passado a ser controlado por eleitos, ou seja, homens-memória (genealogistas).

A imagem nos remete a terras distantes, assim como práticas cotidianas e posturas históricas. A peculiaridade mítica também remete a questão disjuntiva e conjuntiva em relação ao presente. Graças ao ritual, o passado disjunto do mito articula-se, por um lado, a periodicidade biológica e sazonal, e por outro, com o passado conjunto que, ao longo das gerações, une os mortos e vivos. (Le Goff, 1992, p. 210)

A cor branca que insufla como uma aura ao redor das fibras do tálamo pode ser identificada como Xamata (manto sagrado). Partindo desse prisma, torna-se possível inferir sobre a intencionalidade do artista em constatar diferenciações de condutas, práticas culturais elaborados pela maquinaria humana.

[1] Núcleos: agrupamento de neurônios localizados dentro do Sistema Nervoso Central.
Fora desse Sistema, chama-se Gânglio.

O SONHO DO XAMÃ

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA - *110 X 157 CM*

©1996 - **ANTONIO PETICOV**

Full Circle

Por Gisèle Miranda

Na imagem **Full Circle** é perceptível a realização de uma secção para que fosse possível ver o lobo da ínsula (a ilha). Embora, sem a representação dos lobos parietal e frontal vê-se parte do lobo occiptal – lobo responsável pela absorção dos impulsos advindos da retina.

A secção também foi realizada na cavidade da aparente forma de vulcão, para aguçar a percepção visual. A primeira redoma que abraça a imagem central (o vulcão) mostra a perspectiva apenas de um lado.

O córtex cerebral se apresenta como uma lâmina que recobre todo o cérebro (o entorno), e se diferencia na sua arquitetura, assim como em suas funções. Sua estrutura é fundamental, pois capta os estímulos internos e externos, onde todos os sentidos estão presentes. Pela medição do córtex cerebral, o indivíduo passa a ter conhecimento da temperatura, da dor.

Peticov privilegia, mesmo que em parte, o lobo occiptal (visão). Portanto, a dimensão procurada na imagem do córtex cerebral é da totalidade de absorção e interpretação dos sentidos, direcionando-os a sua plena capacitação.

A circunferência concentra o poderio revolucionário das sensações. Unidos a esses sentidos, o amarelamento do tempo e do experienciar adquiridos. A profundidade que a coloração amarela se propõe vai de encontro à secção da imagem central, em um tom que, segundo Kandinsky: reflete a beleza interior e uma potencialidade moderadora. (In: Do Espiritual na Arte, 1990, p. 92)

Caso as sensações não fossem canalizadas e interpretadas teríamos apenas sinais vazios. O prazer e o desprazer são reconhecidos, e assim, injetados em todo o nosso corpo através de atrações e repulsas.

Considerações finais

Através da série Cérebros de Antonio Peticov foi possível absorver uma trama histórica que percorreu trajetos pouco utilizados pelas artes – a busca do arcabouço científico; e, da mesma forma, a necessidade da pluralidade para a dureza científica.

Na série foram encontrados significados coletivos, de leituras diversas que convergiram na complexidade humana e artística. O armazenamento plástico de Peticov possibilitou a saída dos limites físicos de nosso corpo para estar interposta como uma extensão da memória à maquina e à vida. (Le Goff, História e Memória, 1992, p. 425-426)

A memória é o centro de armazenamento das histórias e que ascende em temporalidades passado/presente/futuro – tendo em seu bojo a liberdade para que a servidão não impere pelo esquecimento. Pelo mesmo ângulo, Peticov propôs, através da reflexão plástica, o uso da maquinaria provendo-a com sabedoria e evitando a servil estagnação.

https://tecituras.wordpress.com/2010/06/

FULL CIRCLE
inta acrílica sobre tela em madeira - *97 X 158 cm*
©1996 - **Antonio Peticov**

THE LITTLE READER

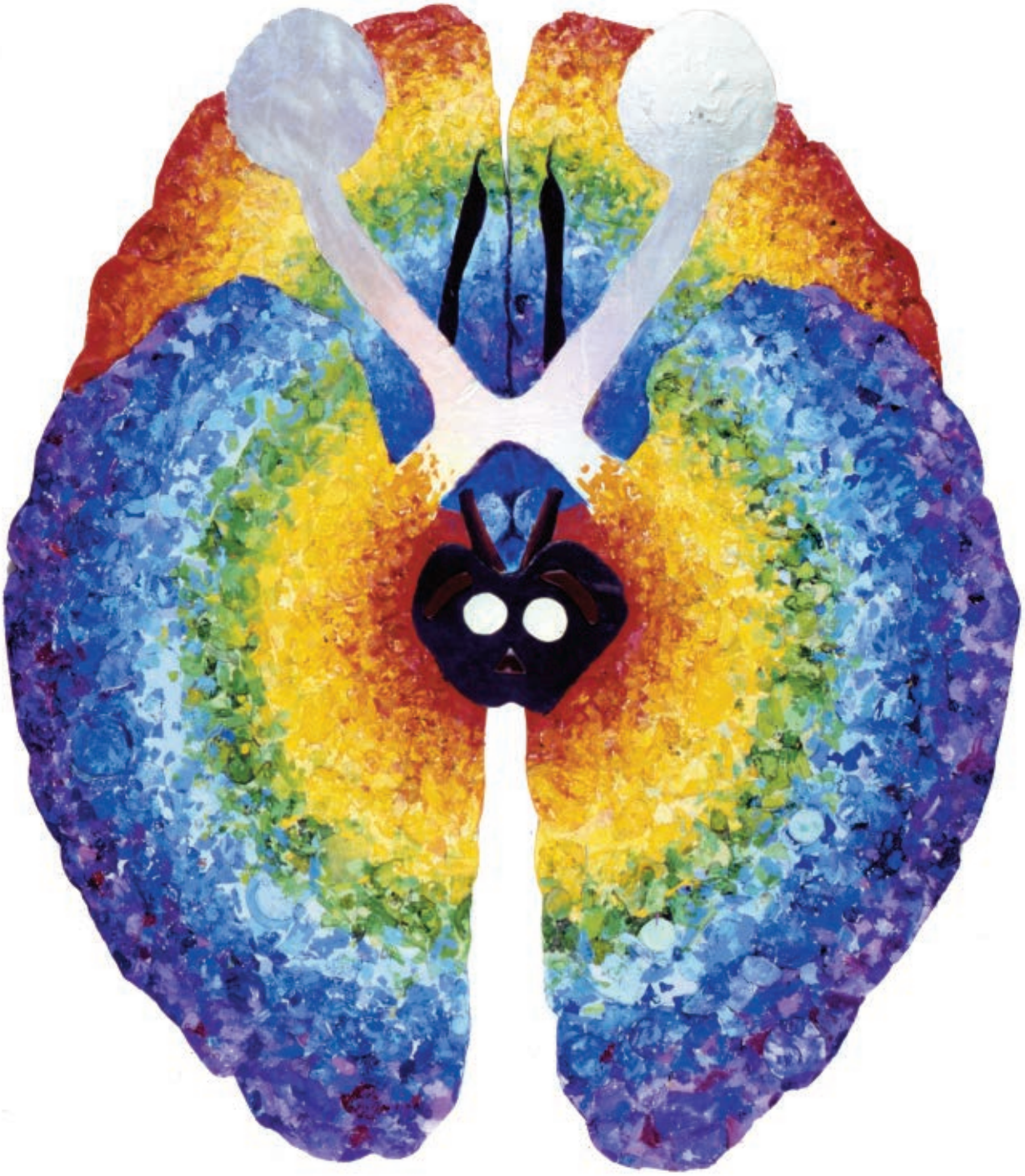
TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA - *150 X 121 CM*

©1996 - **ANTONIO PETICOV**

MASTERS OF WAR

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA - *138 X 123,6 CM*

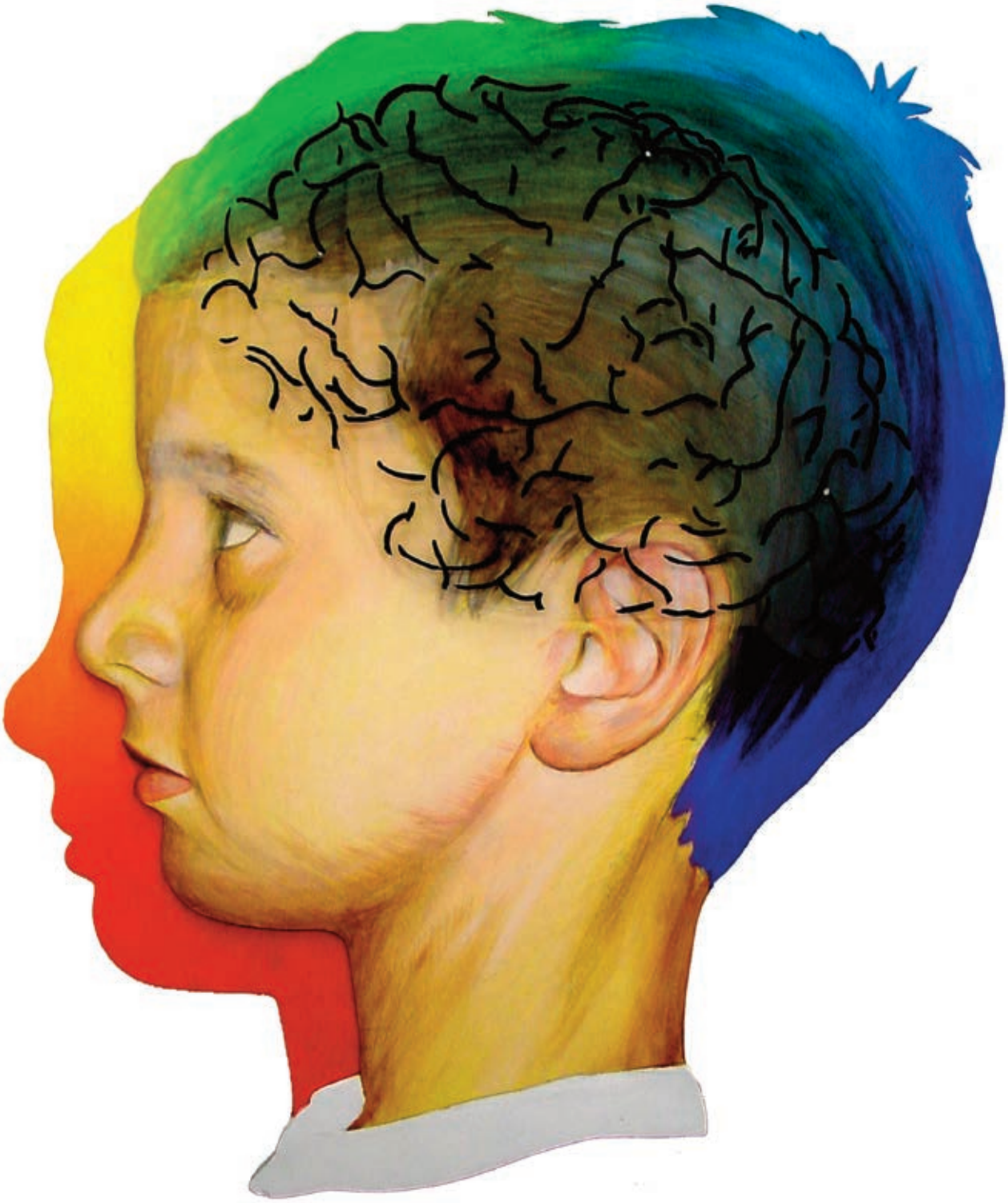
©1996 - **ANTONIO PETICOV**



THE LOST DREAM

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA - *159 X 135 CM*

©1997 - **ANTONIO PETICOV**



O FUTURO

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA EM MADEIRA E CHAPA DE ACRÍLICO - *160 X 135 CM*

©1997 - **ANTONIO PETICOV**

SÚPLICA
inta acrílica sobre tela em madeira - *131 X 153 cm*
©1997 - **Antonio Peticov**

Quando falamos em Antônio Peticov estamos falando em ARTE!

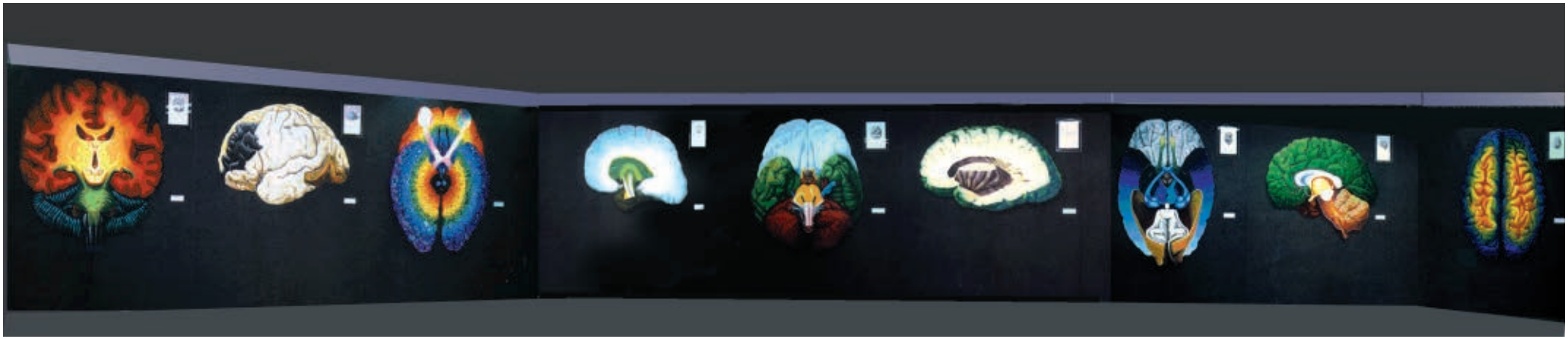
Arte, para mim, é a contribuição que o homem faz na melhoria da matéria e da Natureza, tanto no sentido estético como no sentido do BELO e do BOM. Como médico, minha definição de Medicina seria: a arte de fazer o bem, o médico colocando na sua obra de arte aquilo que não encontrou na própria Natureza.

Peticov é um dos poucos artistas que conheço que se interessou pela Medicina, sobretudo pelo cérebro do homem, reconhecendo esse órgão como soberano da natureza humana. Sua série de pinturas, seus "Cérebros", causam enorme impacto já à primeira vista mesmo àqueles que conhecem profundamente seu funcionamento como órgão do pensamento. Nessa sua série o artista os identifica como instrumento da manifestação de nossa alma, nosso espírito e nossas mais nobres faculdades intelectuais, o próprio sentido de nossa existência. Poucos artistas conseguiram captar essas propriedades desse órgão tão maravilhoso – a obra prima da criação e templo do nosso pensamento e Criatividade – a estrutura viva e mais complexa, mais perfeita e certamente a mais importante de nosso Universo, o mais belo instrumento jamais saído das mãos divinas. É o que o cérebro faz que o torna diferente dos outros órgãos e tão difícil de estudar ou curar quando doente. Ele é responsável pelo nosso comportamento, nossa consciência, nossas decisões, emoções, afetividade, nossa personalidade e até mesmo por nossa religião. O maior de todos os médicos – Hipócrates – já dizia 400 anos antes de Cristo:

"A Vida é curta, mas a arte é longa, e para dominar a arte e acrescentar ao patrimônio humano alguma coisa, é necessário que a brevidade da vida se multiplique no trabalho, se enriqueça no amor, se tempere no ideal e se retempere na luta". Peticov não é médico, mas esta frase muito antiga ainda lhe serve como uma luva. Em suas pinturas vemos um cérebro diferente da maioria das pessoas: não apenas uma massa flácida e um "estorvo", vêmo-lo como o mais belo instrumento por Deus criado, controlando o corpo e controlado pela alma, que lhe dá a vida. O cérebro do homem como mapa do seu destino!

Somente um cérebro privilegiado como o do nosso artista está preparado para produzir tanta arte e tanto significado. Basta olhar e sentir suas configurações; nem é necessário ser um grande artista como ele para entender suas mensagens. Só temos que olhar e ficar admirados, pois o artista conseguiu aperfeiçoar a Natureza ! A isso chamamos ARTE.

Dr. Raul Marino



"The Brain and the Mind"
Centro de Convenções Rebouças
São Paulo, BR
1997